

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O príncipe invisível

Era uma vez, o rei de uma grande terra que teve uma disputa com um duende. Como o destino quis, o rei saiu vitorioso da discussão, o que deixou o duende tão irritado que ele deixou o reino e partiu em busca de uma oportunidade para prejudicar seu inimigo.

Enquanto o duende esperava o momento certo, o rei e a rainha, que há muito tempo não tinham filhos, tornaram-se orgulhosos pais de um bebê. De uma manhã rosada de verão até o tranquilo sussurro de uma noite de verão, todo o reino se rendeu à alegria. Sinos tocaram das torres das cidades e das torres nos campos, canhões retumbaram das torres dos castelos, e pequenos bolos, cada um com o monograma do príncipe em açúcar vermelho e branco e cobertos com glacê, foram distribuídos entre as crianças do reino por ordem real. Era o costume da terra que o herdeiro do trono fosse apresentado à nobreza do reino no primeiro dia de sua sétima semana, e logo esse dia foi marcado no calendário.

Na tarde da cerimônia, a cena no grande salão era magnífica! Com milhares de pessoas reunidas, a nobreza do reino, todos em trajes cerimoniais, ou melhor, tentando se movimentar; porque o enorme salão estava lotado até os limites, era difícil, e lamento dizer, houve até mesmo algumas pessoas que desmaiaram devido à

falta de ar, protestos, empurrões, colarinhos amassados e joias perdidas.

De repente, o grande sino do palácio soou com um toque grave e solene – a cerimônia estava prestes a começar! Vários mensageiros conseguiram abrir um corredor ao longo do salão, e quando essa façanha foi realizada, os dois mais altos sargentos do exército real abriram as portas duplas que conduziam ao salão real. E agora, anunciada por um grande toque de trombetas douradas e acompanhada por um estrondoso trovão no órgão do palácio, uma nobre procissão entrou lentamente no salão através das portas. Uma procissão de pessoas entrou: generais, músicos, floristas e finalmente, o bebê.

As rodas e a alça do carrinho do bebê eram feitas do mais fino ouro, enquanto o corpo do carrinho havia sido esculpido em uma deslumbrante opala! Em meio a um rugido ensurdecedor de aplausos, a procissão avançou solenemente até uma plataforma na cabeceira do salão.



De repente, uma forma invisível entrou voando por uma janela, murmurou algo ao lado do berço do bebê, soltou uma risada zombeteira de duende e fugiu sem ser notada.

Após conduzir o bebê ao centro do palco, o Lorde Chanceler sinalizou para que os trompetistas iniciassem o hino nacional e inclinou-se sobre o berço para pegar o bebê e mostrá-lo à multidão. Para seu horror, o berço

estava vazio! O travesseiro do pequeno príncipe estava lá, o cobertor com borda de turquesa, e o chocalho cheio de pérolas – mas nada de bebê.

"O bebê! O bebê! Onde está o bebê?" gritou o Lorde Chanceler, mal conseguindo falar. Seguiu-se uma pausa desconfortável: sussurros excitados, suspeitas, rumores zunindo pela multidão. Logo, à medida que a verdade começou a se espalhar, houve um grande tumulto. Todos começaram a procurar aqui e ali – levantando as bordas dos tapetes, remexendo atrás das cortinas, olhando para o teto e investigando os cantos.



De repente, o fraco, mas inconfundível choro de um bebê foi ouvido. "Procurem, procurem, meus amigos!" gritou o rei. "Uma recompensa real para quem encontrar meu filho!" O choro do bebê foi ouvido novamente! Onde ele poderia estar? De repente, uma jovem dama da corte, que

havia procurado no carrinho de opala, soltou um grito agudo. Ao mexer no carrinho, ela sentiu o bebê, mas não podia vê-lo. A terrível verdade foi compreendida por todos...

O bebê havia se tornado invisível!

Invisível ele estava, e invisível ele permaneceu. Você pode imaginar que criá-lo foi uma tarefa muito difícil! Para piorar, logo descobriram que não só o príncipe era completamente invisível, mas também as roupas que

tocavam nele ficavam invisíveis. Você podia sentir o pequeno príncipe, podia ouvi-lo – e era só isso. Então, quando ele se afastava do berçário, era necessário tatear o ar em busca dele, ou esperar até que ele chorasse. Não é de se surpreender que a pobre rainha tenha percorrido o reino em busca de novas babás e enviado de volta aquelas cujos nervos não suportavam a tensão!

Certa vez, por exemplo, o menino conseguiu escapar do berçário para os gramados do palácio real, e todo o exército nacional teve que engatinhar de joelhos durante a tarde inteira antes de encontrarem o príncipe dormindo sob uma ameixeira.

Quando todas as tentativas de desfazer o encantamento falharam, o rei visitou o Sábio de Pansófia, um erudito que ficava sentado numa poltrona sob um guarda-sol listrado de verde, na encruzilhada do mundo, dando conselhos a quem passasse. O sábio estava vestido com uma estola preta, um gorro de veludo repousava sobre a cabeça branca como neve, uma longa barba branca se espalhava sobre o peito, e um grande par de óculos redondos repousava sobre o nariz, através dos quais ele olhava com grande autoridade.

A partir do guarda-sol, havia uma longa fila de questionadores esperando pacientemente em fila única, quilômetros adiante e desaparecendo por trás de uma colina distante. Essas pessoas pacientes abriram caminho para o infeliz rei.

Depois de ouvir a história do rei, o sábio balançou a cabeça e respondeu: "O encantamento que envolve seu filho é poderoso e só poderá ser desfeito tocando-o com

o Rompe-Feitiço, o talismã todo-poderoso que seu ancestral, o Rei Décimo, recebeu de sua noiva fada."

"Infelizmente," respondeu o rei, "o Rompe-Feitiço foi roubado do tesouro real há vinte anos. Não pode nos dizer quem o roubou ou onde pode ser encontrado?"

"Não era o único Rompe-Feitiço no mundo inteiro?" perguntou o sábio.

"Era," respondeu o rei, assentindo tristemente.

"Ele foi roubado por ninguém menos que o Mestre Ladrão das Montanhas de Adamante!" rugiu o sábio.

"E pode nos dizer onde encontrá-lo?" perguntou o rei.

O sábio balançou a cabeça.

"Pergunte-me onde está a gota de chuva que caiu no rio ontem," respondeu ele, "mas não me pergunte onde vive o Mestre Ladrão. Eu não sei. Ninguém sabe. Mas, quanto a quebrar o encantamento, ou é o Rompe-Feitiço ou nada. Quem me dera poder ajudá-lo mais!" E o sábio se despediu do rei.

Agora devo contar-lhes sobre o Mestre Ladrão das Montanhas de Adamante.

Esse personagem misterioso, de quem todos já ouviram falar, mas que ninguém jamais viu, vivia em uma casa secreta em um vale perdido das montanhas. A casa era tão artisticamente construída e tão engenhosamente escondida com videiras e galhos que os pássaros, muitas vezes enganados, vinham pousar na chaminé, achando que era uma castanheira! Quanto ao próprio Mestre Ladrão, ele era como uma espécie de pé de feijão vivo, pois era mais alto que o mais alto, mais magro que o mais magro e tinha um par de longas e incansáveis

pernas, mais rápidas que os corredores mais velozes da terra.

À noite, ele percorria o mundo num estranho traje azul-escuro, tão justo quanto a pele de uma enguia; de dia, usava uma vestimenta magnífica, adornada com folhas pintadas, manchas de sol, sombras azuis e marcas de marrom terroso.

Agora, esse mestre ladrão não era um ladrão comum, pois não roubava por roubar, mas apenas para obter novas raridades para seu esplêndido museu subterrâneo. Nunca houve um museu tão esplêndido quanto o do Mestre Ladrão!

Profundamente nas cavernas reverberantes, cada tesouro trazia uma plaquinha com uma etiqueta, organizados em ordem. Lá estavam os exemplares mais refinados de tudo que o homem já fez ou amou. O travesseiro mais macio, o alfinete mais afiado, a toalha mais quente, o tambor mais barulhento, o livro mais interessante, a piada mais divertida, o diamante mais brilhante, e mil outras coisas.

Organizar sua coleção, renomeá-la e movê-la era a maior alegria do Mestre Ladrão. Sentado na cadeira mais confortável do mundo, ele passava horas desfrutando seus tesouros e se perguntando se havia algo de que ele ainda precisasse no mundo. Certo dia, soube por acaso do carrinho de opala do Bebê Invisível e imediatamente decidiu que essa nova maravilha deveria ser adicionada à sua galeria.

Ele foi primeiro ao seu abrigo secreto, girou um globo de vidro, pronunciou três palavras dentro dele e as selou. Em seguida, vestiu um traje bicolor, guardou o globo no

bolso e fugiu com suas longas pernas, cruzando montes e vales até a cidade real.

Quando chegou à tarde, conseguiu facilmente entrar nos jardins do palácio. Era um belo dia, e o carrinho de opala estava desatendido à sombra de um grupo de antigas árvores. Várias babás estavam ao redor da cerca de prata que delimitava o espaço de brincadeira do príncipe. Aproximando-se sem ser percebido, o Mestre Ladrão tirou a esfera do bolso e a lançou em direção ao grupo. A bola caiu e se estilhaçou, e as palavras que o esperto Mestre Ladrão havia selado escaparam ao ar. Essas palavras foram: "Olhem o balão!"

Imediatamente, todas as babás olharam para o céu em busca do balão imaginário, e enquanto olhavam, o Mestre Ladrão correu para o carrinho de bebê de opala, soltou o freio nas rodas de ouro, e saiu empurrando o carrinho rápido pelas alamedas floridas e através dos portões do jardim em direção à estrada principal.

Logo, os sinos da cidade começaram a soar alto; soldados foram enviados para as estradas e cavalos galoparam em seu encalço, mas tudo em vão – a carruagem incrustada de joias correu como um meteoro pela terra. A última coisa que viram foi uma faixa de luz em movimento ao longo da íngreme encosta de uma montanha, uma luz que brilhou como uma grande estrela por um momento no topo e depois rapidamente desapareceu de vista.

Quando o Mestre Ladrão chegou ao seu refúgio secreto no vale, ele gritou triunfante e rapidamente levou o carrinho de bebê ao museu. O carrinho de bebê mais magnífico do mundo! O Mestre Ladrão, uma vez mais foi

até a cadeira mais confortável, afundou-se nela e pensou sobre seu mais recente prêmio.

De repente, um som estranho, meio choro, meio gorgolejo, fez com que ele se sentasse alerta. Alguém teria descoberto seu esconderijo de tesouros? O que poderia significar? E então, um segundo choro veio, terminando em um longo lamento de protesto. O Mestre Ladrão havia roubado o bebê invisível junto com o carrinho!

A ideia de ter que cuidar de um bebê, qualquer bebê, incomodava o Mestre Ladrão; mas quanto a um bebê invisível, isso sim era um verdadeiro problema! Mas de repente, o Mestre Ladrão bateu na própria perna e sorriu de alegria – ele tinha pensado no quebra-feitiço! O ladrão ergueu a lanterna mais brilhante do mundo e foi até a pequena caverna lateral onde tinha colocado o talismã. Seu coração deu um salto. O quebra-feitiço havia sumido!

Confuso, o Mestre Ladrão começou a vasculhar a pequena caverna, mas não encontrou qualquer sinal do quebra-feitiço. Eventualmente, desistiu da busca e carregou o príncipe de volta para sua morada.

E assim, dias e meses, e até mesmo anos se passaram sem que o quebra-feitiço aparecesse. De um bebê invisível, o príncipe cresceu e se tornou um menino invisível cuja voz alegre e presença gentil preenchiavam a casa do Mestre Ladrão.

No fim das contas, ser invisível não era tão ruim, afinal! Você podia ver coisas e encontrar coisas que estavam ocultas para todos os outros mortais; podia escalar até o lado de um ninho de passarinho, sentar-se

silenciosamente e observar a mãe alimentar seus filhotes; podia mergulhar despercebido nas águas límpidas e frias das corredeiras das montanhas e morder as trutas que espreitavam, balançando suas caudas; podia seguir o esquilo até seu depósito secreto de nozes!

Quando o príncipe completou quinze anos, aconteceu que o Mestre Ladrão de repente ficou envergonhado de suas más maneiras, tão envergonhado que decidiu não apenas parar de colecionar, mas também devolver tudo o que havia roubado! O príncipe invisível pôde ajudar muito o Mestre Ladrão nessa tarefa. Pessoas em todos os reinos do mundo começaram a encontrar suas posses roubadas esperando por elas na mesa do café da manhã: o gato de pelúcia voltou a ser o orgulho da Torre Azul, o livro mais interessante voltou ao seu lugar nas prateleiras da biblioteca real, e o pergaminho dourado da piada mais engraçada apareceu como por mágica na parede do quarto do rei.

Ao final do quinto ano, o carrinho de bebê de opala e o príncipe invisível eram as únicas duas coisas roubadas que restavam para devolver. O príncipe invisível agora tinha vinte anos. Com o coração pesado, pois o rapaz era-lhe tão querido quanto um filho, o arrependido Mestre Ladrão começou a se preparar para devolver o príncipe e o carrinho aos pais infelizes.

Na manhã da partida, o Mestre Ladrão desceu pela última vez ao museu abandonado e caminhou pelos corredores empoeirados, deixando pegadas no pó e refletindo sobre a glória que já tinha sido. Aqui ficava a planta de borracha brilhante, ali o cabide mais bonito,

aqui a única borracha que nunca havia furado uma folha de papel. Uma lágrima se formou em seus olhos. Ele os havia amado; ele os havia roubado; ele os havia restaurado; ele estava livre!

De repente, seu olhar, que vagava por prateleiras vazias, caiu sobre uma pequena caixa presa em um canto sombrio. Com um grito alto de alegria, o Mestre Ladrão reconheceu o quebra-feitiço! Tinha caído atrás de uma prateleira e ficado escondido ali por quase vinte anos! O Mestre Ladrão o guardou no bolso e subiu as escadas com um salto.

Após uma jornada agradável, o Mestre Ladrão e o príncipe invisível chegaram à cidade e se alojaram em uma estalagem. O príncipe invisível, devo lembrar, ainda estava invisível.

O Mestre Ladrão e o príncipe invisível deram um passeio pela cidade real. Para surpresa dos viajantes, encontraram a cidade repleta de decorações. Mais estranho ainda, apesar da festividade, os cidadãos da cidade real pareciam particularmente melancólicos.

"Bom estalajadeiro", disse o Mestre Ladrão ao dono da hospedaria, "o que significa essa celebração? Estão comemorando algum evento real?"

"Uma festa, sim", respondeu o estalajadeiro, olhando ao redor para ver se alguém estava escutando, "é uma festa, mas só de nome. Não ouviu as notícias? Vamos sair um pouco de lado e eu contarei a história.

"Há três anos, nosso rei, Valdoro IV, cansado das preocupações do reino e ainda profundamente abalado em seu coração pela perda de seu filho, o príncipe invisível de quem você talvez tenha ouvido falar,

entregou o poder do reino ao marquês Malicorn. Semana passada, esse oficial tomou o poder real, colocou nosso amado rei e rainha numa torre escura e se proclamou herdeiro do trono. A coroação acontece amanhã à tarde no grande salão do palácio real. Ah, se o príncipe invisível voltasse!"

O Mestre Ladrão acenou com a cabeça, enquanto sua mente ágil já estava planejando. De repente, sorriu. Ele tinha arquitetado um plano.

Assim como vinte anos atrás, todos estavam no grande salão do castelo. A nobreza, tão densa quanto há vinte anos, esperava amargurada pela chegada do novo rei e sua procissão. Os portais foram abertos, revelando Malicorn e seus seguidores. Todos permaneceram em silêncio.

O maligno marquês caminhou até o pódio e a cadeira de coroação. O som dos sinos e dos canhões cessou. Um oficial avançou com o manto real. Quando estava prestes a jogá-lo sobre os ombros de Malicorn, algo invisível arrancou o manto dele e desapareceu no ar.

Extraordinariamente zangado, mas também preocupado, Malicorn esperava ter mais sorte com o cetro, mas este também foi tomado por uma mão invisível. Quanto à coroa real, ela desapareceu em um instante da almofada roxa.

Malicorn, ainda paralisado de choque, olhou para cima e viu o recém-coroadado rei, o rosto alternando entre raiva e incredulidade. O restante da aristocracia gritou e zombou, e no meio do tumulto, o Mestre Ladrão surgiu de trás das cortinas, empurrou Malicorn para o lado com um movimento largo dos braços, e dirigiu-se à multidão:

"Povo, vocês vieram ver o seu rei. O seu rei legítimo está aqui. Querem vê-lo?"

"Sim!", todos gritaram. E então o Mestre Ladrão tocou o príncipe invisível com o quebra-feitiço.

Naquele momento, um clarão de luz fez todos piscarem, música de fadas foi ouvida, e de repente o príncipe invisível apareceu visível diante do trono. Ele era alto, de cabelos escuros, com olhos castanhos e corpo esbelto, e a coroa estava em sua cabeça, o manto em seus ombros e o cetro em sua mão.

Agora os sinos e os canhões começaram realmente a soar, e uma brisa alegre soprou, balançando as bandeiras e estandartes que antes estavam imóveis no ar. Os soldados jogaram seus chapéus para o alto e comemoraram com euforia, enquanto o organista estava tão feliz que começou a tocar duas músicas ao mesmo tempo. Todos riam e gritavam "VIVA!"

Quanto ao maligno marquês, ele saiu correndo pela porta dos fundos o mais rápido que suas pernas o permitiam, e ninguém jamais o viu novamente.

O velho rei e a rainha, libertos da torre escura, logo entraram para cumprimentar seu filho. "Ele se parece com você, minha querida", o rei sussurrou para a rainha. O Mestre Ladrão foi perdoado por tudo.

Cantando e comemorando, as pessoas da cidade saíram de suas casas para as ruas ensolaradas.

Clang, clang! Boom! Clang, clang! Boom, boom! Boom!
Boom!

E viveram felizes para sempre.